

DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2012v14n1-2p231>

BACIGALUPO, Ana Mariella. *Shamans of the Foye Tree: gender, power and healing among chilean mapuche*. Austin: University of Texas Press, 2007. 321 p.

Pedro Musalem Nazar

Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: pedromusalem@gmail.com

A autora desenvolve neste seu último livro um estudo das teorias e de práticas de gênero e de sexualidade entre os xamãs mapuche, do sul do Chile, tanto homens quanto mulheres, chamados igualmente de **machi**¹

O livro explora – e ajuda substancialmente a definir – um novo campo de interesse acadêmico, no qual se integram os debates feministas ao estudo do xamanismo, apresentando pela primeira vez, no âmbito da etnografia mapuche, argumentos teóricos convincentes acerca de fenômenos longamente notados na literatura, tanto histórica (desde o século XVI) quanto antropológica, mas que não tinham sido objeto de intelecção sistemática até o momento.

Entre esses fenômenos pendentes de esclarecimento teórico, temos o da aparente variação histórica na distribuição por sexo das vocações xamanicas e, sobretudo, o das ambivalências e das divergências nas construções de gênero e de sexualidade por parte dos e das machi, tema que constitui o núcleo e o fio argumental desta pesquisa.

Desenvolvendo o título da obra, a autora coloca que a árvore **foye** (*Drymis winteri*) – elemento simbólico central na vida ritual mapuche – estaria expressando, em sua condição de espécie hermafrodita, a ambivalência e a fluidez que constituem, historicamente, o fundamento cultural das identidades e das práticas de gênero e de sexualidade entre xamãs mapuche.

O texto, complexo e iterativo, marcado pela inextricável mistura de descrição densa e reflexão teórica, declara ser o resultado de um exercício de etnografia da experiência e de uma estratégia de pesquisa intersubjetiva, que recorre continuamente às metodologias da antropologia dialógica e narrativa, integrando registros heterogêneos, como a reprodução de diálogos, reportes da mídia e experiências subjetivas da etnógrafa – como alguns sonhos, por exemplo – mas, sobretudo, relatos de (e sobre) três machi homens e três machi mulheres, e de (sobre) seus pacientes, familiares e comunidades, na tentativa de construir uma “antropologia do particular”.

Refletindo sobre as estreitas relações mantidas com alguns dos seus informantes durante 15 anos – entre 1991 e 2006 – a autora manifesta que interagiu com eles como amiga, paciente e como assistente ritual, compartilhando suas próprias histórias de vida através de uma crescente intimidade que teria permitido “the emergence of a more authentic other” (BACIGALUPO, 2007, p. 10) e, em alguns casos, enriquecer o estudo das práticas de gênero e de sexualidade mediante observações da conduta sexual das e dos machi e, sobretudo, dos murmúrios que são tecidos ao redor. Complementarmente, o texto produz um aparelho razoavelmente eficaz de substituição das identidades de pessoas e de lugares, num esforço de proteger, mediante ficções, a privacidade dos sujeitos em estudo. Narra, também, as diversas reações suscitadas ao problematizar conjuntamente o objetivo de produzir um discurso sobre essas sexualidades.

Num esforço de conferir inteligibilidade ao difícil problema escolhido, a autora ilustra como a derrota militar perante o exército chileno no fim do século XIX e a imposição do sistema de reduções implicou uma reorganização geral da sociedade indígena (e um reforçamento do princípio da patrilinearidade e da autoridade masculina). Mostra também como esses eventos trouxeram modificações importantes na ideologia e nas práticas xamanicas, restituindo à figura do xamã seu contexto histórico para logo abordar em detalhe suas estratégias de construção de identidade na contemporaneidade, assim como as complexidades e as alternativas das negociações que devem empreender na sua relação com as representações e as hierarquias de prestígio e de poder da

cultura dominante, e na relação com as diferentes zonas ideológicas (mais ou menos colonizadas) da própria cultura mapuche.

Composto de nove capítulos eminentemente monográficos, cada um deles centrado sobre um aspecto separável e, ao mesmo tempo, complementar da questão, o livro avança hipóteses e demonstrações etnográficas acerca das relações entre gênero, sexualidade e poder – tanto espiritual quanto político – tal como produzidas no seio do difícil processo de construção da identidade dos e das machi, os quais se veem continuamente defrontados, por uma parte, com as noções binárias e as hierarquizadas (tão propícias à produção de estigmas) da moralidade colonial católica, presente nas classes populares e nas representações oficiais do poder no Chile e, pela outra, com as dinâmicas contraditórias e instáveis – em transição acelerada, poderíamos dizer – da moral mapuche, profundamente marcada pela mestiçagem de tal maneira que, por exemplo, – e diferentemente de períodos anteriores, razoavelmente bem documentados – o exercício de uma sexualidade homoerótica por parte dos machi é negativamente avaliada no interior das duas culturas.

Nessa linha, e continuando com o exemplo escolhido, o livro vai definir – com recursos a vários casos etnográficos – as estratégias de masculinização dos machi na contemporaneidade, colocando que esse processo aconteceria mediante sua identificação com as figuras do sacerdote católico e do médico ocidental, assim como mediante a atualização de papéis que emergem do próprio repertório cultural mapuche, como é o caso do guerreiro espiritual, figura importante na época da resistência militar ante os exércitos espanhóis e, logo, chilenos, e que volta a emergir com força na leitura contemporânea, no contexto da relação entre os movimentos indígenas de resistência e o estado empresário neoliberal, ou por meio das definições individuais a respeito de dicotomias constituintes da identidade nacional, como o conflito ideológico entre ditadura militar e socialismo. Assim, por exemplo, machi José interpreta os megaprojetos hidroelétricos, mineiros e madeireiros que afetam territórios indígenas, como uma poderosa bruxaria feita nos Estados Unidos, a qual deve ser combatida com os melhores recursos da guerra espiritual; ou machi Sergio,

que apoiou ritualmente a luta do general Pinochet durante a ditadura contra o socialismo, enxergando nessa ditadura uma guerra sagrada contra um poderoso inimigo espiritual que ameaçava o bem-estar da inteira comunidade.

Ao relacionar-se com os diversos discursos e com figuras nacionais de poder (lideranças de partidos políticos, personagens militares da história recente), os machi conseguem se masculinizar, mas, ao mesmo tempo, correm o risco de uma masculinização, a qual, como ilustra a autora – sempre com base nos seus proficuamente bem documentados casos etnográficos – pode ser interpretada, desde o campo cultural mapuche (masculinização que pode ser considerada junto com outros elementos como a presença ou a ausência de atitudes de reciprocidade econômica ao interior das suas comunidades), tanto como bruxaria quanto como perda de poder espiritual.

Comparando de maneira explícita com o sacerdote católico, os machi conseguem legitimar parcialmente algumas práticas que, tanto na leitura mapuche quanto na não mapuche, são potenciais fontes de estigma (suspeita de homossexualidade, por exemplo), como o travestismo ritual e o celibato, traços culturais não necessários, mas amiúde presentes nas biografias dos machi, e que os conectam diretamente com as imagens produzidas pela autora a respeito dos especialistas rituais masculinos do século XVI. O uso político da acusação de homossexualidade, como atribuição de inferioridade moral e incluso de bruxaria, é traçada desde as primeiras crônicas da conquista espanhola até os trabalhos antropológicos do século XX, nos quais aparece, no dizer da autora – que não em vão se considera uma intelectual feminista – sob a forma de uma implicação mútua e não problematizada, entre ambivalência de gênero e exercício de uma sexualidade homo-orientada.

Práticas como o travestismo ritual dos machi ficam associadas a certo grau culturalmente prescrito de feminização da conduta, necessário para o trabalho com os espíritos e, pelo mesmo motivo, desejado pelo público mapuche. Paradoxalmente, esses atributos femininos são fontes de estigma não só desde o ponto de vista dos não mapuche, se não também dos próprios indígenas, que têm incorporado categorias coloniais de gênero e sexualidade, e as empregam intensivamente na

sua avaliação da conduta do machi na vida cotidiana, ficando a esfera ritual como o único espaço no qual ainda, nesses atores, a ambivalência de gênero não é tolerada, mas quase que requerida por garantir uma relação efetiva com os espíritos.

A partir de uma leitura crítica das crônicas da conquista espanhola, o texto gera uma série de imagens sobre o mapuche e o agente colonial – espanhol e logo chileno – em ordem a compreender as construções de gênero e sexualidade dos e das machi. Assim, por exemplo, é apresentada a figura do *machi weye*, prestigioso especialista ritual masculino extinto há, pelo menos, um século, e cuja ambivalência de gênero na esfera do rito e na vida cotidiana, e cuja excepcional e variável sexualidade era tão sagrada (eles não casavam e mantinham relações sexuais com mulheres e com homens, nos papéis ativo e passivo) no âmbito mapuche, quanto diabólica para os agentes coloniais. Desde esses tempos, a construção do gênero e da sexualidade dos e das machi é um espaço simbólico, objeto de álgida disputa, o qual aumenta a percepção das dificuldades e das possibilidades de sofrimento e conflito familiar e comunitário que a vocação de machi implica.

Até aqui são apresentados exemplos sobre machi homens, mas a obra, na mesma medida, dedica sua atenção às alternativas e às dificuldades do processo de construção de gênero e sexualidade das machi mulheres (as quais constituem a maior parte de especialistas rituais mapuche hoje, embora o número de homens esteja experimentando um inédito incremento). Elas devem também equilibrar reclamos múltiplos e contraditórios – as vezes incompatíveis – para preencher os papéis de esposas e de mães biológicas, bem como de esposas, de filhas e de mães espirituais.

Também o estudo detalha as diversas formas sob as quais as machi se relacionam com os movimentos de resistência indígena e, sobretudo, como conseguem se legitimar em símbolos de tradição cultural reconhecidos e solicitados tanto por políticos mapuche quanto por chilenos (incluindo vários presidentes) e, ao mesmo tempo, mediar, efetivamente, com pragmatismo e autonomia nos conflitos locais e regionais.

O livro também explora a vida mapuche no contexto do mercado global e das políticas neoliberais que vêm incrementando de forma contínua as desigualdades socioeconômicas, fato que acelera os processos de mudança social e cultural derivados da situação colonial e, sobretudo, lhes imprime um caráter destrutivo, caráter que se reflete na percepção de isolamento e de ameaça, assim como por meio do incremento das acusações de bruxaria.

Tanto as forças espirituais negativas movimentadas ao redor da bruxaria e dos infortúnios, quanto os poderes invisíveis que exercem coerção sobre os neófitos – produzindo neles doenças culturalmente tipificadas, erradicadas apenas mediante uma correta iniciação xamanica – refletem, nas suas formas e dinâmicas de operação, a experiência histórica da colonização e o ameaçante e incontrolável poder do estrangeiro. E na produção da bruxaria existe uma especial sensibilidade para associá-la às divergências de gênero.

Tanto a ambiguidade moral do poder xamanico quanto o complexo da bruxaria reflete e atualiza o equilíbrio dinâmico entre o bem e o mal que, junto com outros princípios opostos e complementários, como o do par juventude/velhice, são típicos da sociocosmologia mapuche contemporânea e formam a base simbólica da sua expressão ritual.

O livro explora uma variedade de manifestações da vida ritual mapuche, considerando os papéis jogados pelas(os) machi tanto nas práticas de divinação e de cura sobre famílias e indivíduos, quanto nos rituais comunais periódicos de fertilidade, colocando especial atenção nas formas em que esses papéis são determinados por expectativas culturalmente codificadas das *representações em ato* (ou *performances*) de gênero.

No âmbito das práticas de cura, o espaço para inovação individual – e a polivalência de gênero de cada machi – é bastante amplo, e a autora demonstra como essas práticas incorporam, transformam e ressignificam conhecimentos e símbolos católicos, médicos e políticos chilenos, dispostos junto aos pertencentes à base cultural mapuche, cumprindo assim o xamanismo sua celebre função de mediação.

No contexto do mercado global e das políticas neoliberais chilenas e da conseguinte pressão econômica e social sobre comunidades

e territórios indígenas, o livro caracteriza a dinâmica dos movimentos mapuche de resistência, sua criminalização por parte do estado, assim como as estreitas relações entre esses movimentos e o xamanismo, colocando em perspectiva interessantes fenômenos de caráter socio-político, como o da recriação da guerra espiritual, um tipo de atividade presente na história da resistência militar indígena dos séculos anteriores que volta hoje a aparecer.

Assim, traçando uma análise compreensiva dos paradigmas, discursos e noções sobre gênero e sexualidade de mapuche (machi e não machi) e não mapuche (espanhóis e logo chilenos) desde o século XVI até hoje, o texto se ocupa em caracterizar os diversos contextos, amiúde contraditórios, da vida cotidiana e ritual, da política e da cura, em que esses discursos e as noções são negociados e atualizados, e constitui uma interpretação erudita e indispensável para compreender as dinâmicas simbólicas que percorrem e integram o difícil âmbito das relações interétnicas no Centro-Sul do Chile.

Notas:

- ¹ Hoje, chilenos e mapuche utilizam genericamente para nomear, no plural, os xamãs de ambos os sexos, o artigo feminino *as*, assim: *as machi*, sendo machi, como mapuche, uma palavra ao mesmo tempo plural e singular.

Recebido em 23/10/2012

Aceito em 09/11/2012